

ORIGEM E DESLOCAMENTOS DO INCONSCIENTE EM SIGMUND FREUD*

Reginaldo Oliveira Silva**

Lucas Pereira Lucena***

Resumo: Em *A interpretação dos sonhos* Freud apresenta o conceito-chave de sua teoria: o inconsciente. Descoberta que abalou a confiança da consciência, ferindo a ilusão de que possuiria o poder completo sobre sua *psique*, e abriu caminho à compreensão de fenômenos até então ininteligíveis à razão. O presente estudo parte da hipótese de que o inconsciente tem origem na repressão, mas também produz, por deslocamento, formações que permitem ascender à consciência. Neste sentido, empreende-se aqui uma análise genealógica do inconsciente, que parte da metapsicologia para as formações oníricas, problematizando o movimento iniciado com o recalque, o qual será reproduzido nos sonhos.

Palavras-chave: Inconsciente. Origem. Deslocamento. Genealogia. Freud.

ORIGIN AND DISPLACEMENTS OF THE UNCONSCIOUS IN SIGMUND FREUD

Abstract: In *The interpretation of dreams*, Freud presents the key tenet of his theory: the unconscious. Such concept shook confidence in conscience, injuring the illusion that one could possess complete power over their psyche, and paved the way for understanding phenomena hitherto unintelligible to reason. This study starts from the hypothesis that the unconscious originates in repression, but also produces, by displacement, formations that allow ascending to consciousness. Therefore, a genealogical analysis of the unconscious is undertaken here, departing from metapsychology to dreamlike formations, problematizing the movement initiated with repression, which will be reproduced in dreams.

Keywords: Unconscious. Origin. Displacement. Genealogy. Freud.

O inconsciente, inapreensível em si mesmo, surge como inferência. É no encontro com os impasses que envolviam a compreensão do adoecimento neurótico e da vida onírica que Freud passa a supor a ação de forças estranhas à consciência. A

** Doutor em Letras, Professor Associado do curso de Licenciatura em Filosofia, na Universidade Estadual da Paraíba.

*** Graduando do curso de Psicologia, na Universidade Estadual da Paraíba.

apreensão do inconsciente, portanto, deu-se por meio de suas formações, que alcançavam a consciência sob as mais distintas formas, a saber, os sonhos, o chiste, o ato falho e os sintomas. Logo, foram os deslocamentos que conduziram Freud à sua grande descoberta, dando-lhe o suporte empírico para a formulação do conceito-chave de sua teoria. Nesta perspectiva, a presente pesquisa consiste em um exercício de filosofia e psicanálise e tem como objetivo realizar uma leitura genealógica do conceito de inconsciente.

Partindo da genealogia balizada por Nietzsche e revista por Foucault em seu ensaio “Nietzsche, a genealogia e a história”, pretende-se problematizar a trama originária do inconsciente, ao empregar a noção genealógica de origem, presente nos termos *Herkunft* e *Entstehung* apresentados por Foucault em oposição à expressão alemã *Ursprung*, que corresponde à ideia metafísica de origem. Os termos significam, respectivamente, “proveniência” e “emergência”, juntos, indicam que tudo o que existe, desde os acontecimento às ideias, não possui uma origem pura, seu surgimento é determinado pelas contingências do conflito entre forças opostas, que, quando reanimadas, garantem sua continuidade através dos deslocamentos, não permitindo que as coisas permaneçam idênticas a si mesmas¹². A análise aqui empreendida se desenvolve por meio da aplicação das concepções de origem e deslocamento ao conceito de inconsciente, remetendo a sua origem ao processo de recalque, que operaria a clivagem do aparato psíquico em sistemas distintos, destinando ao inconsciente tudo aquilo que ameaça a consciência, mas, do mesmo modo, assegura sua perpetuação através dos deslocamentos, derivados do recalçado inconsciente que insistem em achar expressão na consciência. Apoiado neste cenário, se pretende, igualmente, examinar, dentre as formações do inconsciente, o sonho, como deslocamento possível do recalçado.

Não seguindo uma ordem cronológica, adotaremos o seguinte percurso metodológico: primeiro realizou-se o exame do conceito de inconsciente na

¹² Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 21-24.

metapsicologia, seguindo a leitura dos textos que remontam ao período de 1915, em especial o ensaio *O inconsciente*, em que Freud inicia uma exposição mais sistemática do seu conceito, e *O eu e o id*, de 1923. Em seguida, partindo dessa estrutura conceitual, buscou-se tensionar sua problematização a partir do texto inaugural da psicanálise, *A interpretação dos sonhos*, analisando como o inconsciente transpõe a barreira do recalque pela via da elaboração onírica, considerando que o sonho constitui um das modalidades de deslocamento do recalque. Por se tratar de uma análise filosófica, faz-se o caminho inverso ao de Freud, que encontrou na prática clínica e na observação dos fenômenos lacunares os elementos necessários para a constituição de sua teoria, a qual adquire envergadura conceitual com a metapsicologia.

A fim de investir numa atualidade do que pretendemos alcançar com a reflexão proposta, sugerimos levantar a hipótese da repressão sexual e dos ataques às minorias sexuais. Se nestas não estariam em jogo deslocamentos de impulsos inconscientes, que encontrariam satisfação na violência exercida sobre corpos que vivenciam uma sexualidade diferente daquela socialmente reconhecida e legitimada. Além de trazer o inconsciente para o debate político, questionando se essa instância psíquica tem participação na organização sociopolítica atual, se ela também estaria submetida à influência do inconsciente, segundo a abordagem genealógica.

De saída, parece plausível fazer algumas considerações propedêuticas à descoberta freudiana. A considerar que, junto à chegada do século XX, um novo saber irrompe no cenário da ciência moderna, inaugura-se uma outra maneira de conceber a psique humana, desta vez, marcada por fenômenos e processos que respondem à uma lógica particular, diversa do pensamento consciente. Freud revolucionou a ciência ao apresentar, a partir de sintomas neuróticos e das lacunas existentes na consciência, a instância psíquica inconsciente. Em sua obra *A interpretação dos sonhos*, datada de 1900, são desenvolvidas as primeiras elaborações teóricas acerca do inconsciente, ideia que se tornou o pilar da psicanálise.

Contudo, essas ideias não surgiram do nada, houve um certo número de circunstâncias e influências que propiciaram o surgimento da psicanálise, dentre elas, a busca por delimitar a natureza das doenças ditas “nervosas”¹³. O que interessava a Freud eram as manifestações enigmáticas da histeria, afecção sem correspondentes anátomo-fisiológicos, que causava, em muitos médicos da época, estranheza e a impressão de que se tratava de uma simulação, o que trouxe consequências diretas ao tratamento desses pacientes¹⁴, que se restringia à prescrição de medicamentos e tentativas de exercer influência psíquica, prática que na maior parte das vezes tinha um caráter de censura e ridicularização do sofrimento, dado que se zombava ou intimidava os pacientes na busca de fazê-los se “controlarem”¹⁵.

O médico francês Jean-Martin Charcot, com quem Freud trabalhou durante sua estadia no hospital parisiense La Salpêtrière, tratava a histeria por meio da hipnose, técnica que permitia a produção, reprodução e remissão dos sintomas¹⁶. De acordo com Freud, a hipnose permitiu, pela primeira vez, validar de maneira concreta a existência do inconsciente¹⁷, uma vez que a experiência indicava a presença de processos situados abaixo do limiar da consciência.

Ao retornar a Viena, Freud passa a trabalhar com Josef Breuer. Quando debruçados sobre o caso de uma jovem, percebem que as manifestações histéricas são dotadas de sentido e envolvem situações em que o impulso para uma determinada ação não é levado a cabo, ou seja, não é satisfeito, mas reprimido por alguma razão, configurando-se como uma experiência traumática, que guarda, em sua origem, um componente sexual. O sintoma, portanto, aparece no lugar da satisfação do impulso (sexual), surgindo no momento em que o afeto ligado a ele não é elaborado pela consciência, mas convertido em inervação somática, no caso da histeria de conversão¹⁸. Segundo Freud, a terapêutica proposta por Breuer consistia na reanimação, sob estado

¹³ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 223.

¹⁴ Perez, D. O. *O inconsciente: onde mora o desejo*, p. 23.

¹⁵ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 224.

¹⁶ Perez, D. O. *O inconsciente: onde mora o desejo*, p. 23.

¹⁷ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 224.

¹⁸ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 226-227.

hipnótico, da cena traumática em que o impulso não fora satisfeito. Através dessa experiência, o afeto poderia ser guiado para outra direção e descarregado, havendo o que Breuer denominou de *ab-reação* ou catarse¹⁹.

No entanto, Freud percebeu que a hipnose não dava conta das manifestações históricas, pois os sintomas insistiam em retornar ou surgiam novas manifestações sintomáticas²⁰. Com o fim da colaboração entre os colegas vienenses, motivada pelo recuo de Breuer diante do componente sexual presente na etiologia das neuroses, o criador da psicanálise faz uma total renúncia ao uso da hipnose e introduz a regra fundamental da análise: associação livre de ideais, que opera através do abandono, por parte do paciente, de todo o pensamento consciente a fim dar lugar às ideias espontâneas que irrompem em sua mente. Freud apostava que a associação livre, no fim das contas, se revelaria não-livre, posto que daria espaço para que uma outra ordem de pensamento se apresentasse, uma ordem determinada por conteúdos inconscientes²¹. Ademais, sua técnica possibilita o surgimento do fenômeno da resistência, uma espécie de defesa frente aos conteúdos que emergiam em análise, que colaborou para a elaboração da teoria da repressão²².

Apesar da ideia de inconsciente se popularizar com o advento da psicanálise, a palavra “inconsciente” circulou por uma variedade de contextos discursivos até chegar à concepção freudiana do termo. De acordo com Ffytche, o entendimento do que seria o inconsciente ampliou-se através de articulações e correlações que caminhavam entre a filosofia, psicologia, psiquiatria, literatura, história da natureza e metafísica do século XIX, despontando no saber psicanalítico²³. Com isso, o autor justifica a dificuldade de especificar a origem exata da noção de inconsciente psíquico, todavia, localiza no romantismo e no idealismo pós-kantiano a estrutura que favoreceu a compreensão do

¹⁹ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 228.

²⁰ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 229.

²¹ Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 230.

²² Freud, S. Resumo da psicanálise, p. 231.

²³ Ffytche, M. A historiografia do inconsciente, p. 21.

inconsciente para psicanálise e sua formalização enquanto ciência²⁴. A psicanálise transforma o termo inconsciente ao empregá-lo não só como adjetivo, de forma descritiva, para designar aquilo que se localiza fora do campo da consciência, mas ao concedê-lo estatuto conceitual, apresentando o funcionamento dinâmico dessa instância psíquica, regida por leis particulares, que atuam através de uma economia libidinal e possui uma estrutura topográfica.

Com *A interpretação dos sonhos*, Freud não apenas consolida as suspeitas de uma atividade psíquica à revelia das intenções conscientes, como indica ao “inconsciente” outra direção, distinta da que a filosofia vinha propagando. No entanto, por necessidade especulativa, é no ensaio metapsicológico *O inconsciente*, publicado em 1915, que o psicanalista expõe seu conceito de maneira mais sistemática, levantando os argumentos que validam sua hipótese. Por considerar que a investigação psicanalítica parte da consciência em direção ao inconsciente, inicia a defesa argumentando que a suposição de uma psique inconsciente é necessária, pois há lacunas que se revelam na consciência e que permanecem ininteligíveis a ela, demonstrando que a consciência não alcança a totalidade dos eventos psíquicos²⁵. Freud ainda insiste em atestar a legitimidade de sua hipótese quando afirma que, ao aceitá-la, apenas se estende a inferência já posta para outras consciências, ou seja, a consciência que supomos, por analogia, a outros sujeitos é estendida para a relação que o sujeito estabelece entre seu pensamento consciente e os atos psíquicos que não respondem à essa lógica, admitindo a existência de um pensamento inconsciente²⁶.

Sua tese a respeito do aparelho psíquico vem desvelar o que antes se mostrava inacessível ao homem, tendo em vista a equiparação instituída entre psique e consciência²⁷. Nesta perspectiva, o que dela escapava presentificando-se como fenômeno lacunar, não se tinha explicação. Freud, então, se propõe a esclarecer “isso”

²⁴ Ffytche, M. A historiografia do inconsciente, p. 13.

²⁵ Freud, S. *O inconsciente*, p. 101.

²⁶ Freud, S. *O inconsciente*, p. 104-105.

²⁷ Freud, S. *O inconsciente*, p. 103.

que insiste em escoar na consciência e que considera “traço distintivo do psíquico”²⁸, descrevendo sua dinâmica ao revelar a circulação de energia no interior das instâncias psíquicas, uma alternância constante de investimento e desinvestimento regulada por sensações de prazer e desprazer.

Na tentativa de aplicar o método nietzschiano de investigação ao conceito de inconsciente, deve-se, inicialmente, ir de encontro à concepção genealógica de origem, que, não admitindo uma essência às gêneses, busca demarcar os diferentes desvios que permitiram o surgimento dos eventos ou ideias²⁹. A compreensão da origem do inconsciente pode ser alcançada através do exame do recalque, tendo em vista que Freud reconhece que o conceito de inconsciente surge a partir da teoria da repressão, considerando o reprimido o protótipo do inconsciente³⁰. Neste sentido, indagar pela origem do inconsciente supõe analisar o que se passa com a repressão e o papel que ela exerce no psíquico, bem como os derivados que dela se constroem.

A princípio, a repressão incide sobre o instinto, não permitindo que sua meta seja atingida. Barra a satisfação instintual ao constatar que esse intento não coincide com outras exigências psíquicas, acarretando, ao invés de prazer, sensações desprazerosas³¹. Esse primeiro ato repressivo, intitulado de repressão primordial, reserva destinos diferentes aos representantes do instinto, a saber, o afeto e a ideia.

O montante afetivo equivale ao fator quantitativo do instinto, que encontra expressão em processos que são percebidos como sensações³². Diante do processo de repressão, o afeto pode ser suprimido, tendo o seu desenvolvimento interrompido. O autor afirma que “a supressão do desenvolvimento do afeto é o verdadeiro objetivo da repressão”³³, pois impede o surgimento de sensações de desprazer.

²⁸ Freud, S. O inconsciente, p. 108.

²⁹ Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 17-18.

³⁰ Freud, S. O eu e o id, p. 17.

³¹ Freud, S. A repressão, p. 83-84.

³² Freud, S. O inconsciente, p. 116.

³³ Freud, S. O inconsciente, p. 116.

O representante ideativo do instinto, ao ser submetida ao estágio primário da repressão, se vê coagido a permanecer fora da consciência, passando a ser objeto do inconsciente³⁴. O que ocorre nesse estágio é uma fixação da excitação proveniente do instinto, que inscreve o seu representante num determinado sistema mnêmico, fora da consciência, operando “uma demarcação interna ao psíquico que vai servir de referência para o recalque propriamente dito”³⁵.

Em suma, a ideia e o afeto não se posicionam da mesma maneira em relação ao inconsciente. Após realizado o processo de repressão, o representante ideativo passa a se apresentar enquanto formação real no inconsciente, exercendo a atração necessária para o advento da segunda etapa da repressão, ao passo que o afeto inconsciente aparece como possibilidade incipiente, barrado em seu desenvolvimento³⁶. Ainda assim, o afeto pode chegar a ser percebido, porém de maneira equivocada, visto que a ideia originalmente ligada a ele está reprimida. O afeto necessita encontrar um substituto ideativo para efetuar sua descarrega, logo, unindo-se a outra ideia por deslocamento, encontraria uma forma de chegar à consciência, pois seria considerado uma manifestação da ideia substituta e não da representante reprimida³⁷. Freud então assinala as consequências dessa substituição:

A ideia substituta desempenha então para o sistema *Cs* (*Pcs*) o papel de um contra-
investimento, ao garanti-lo contra a emergência da ideia reprimida no *Cs*, e por
outro lado é, ou age como se fosse, o local de partida para o desencadeamento do
afeto de angústia, agora de fato não inibível³⁸.

Portanto, a ideia substitutiva se configura como um contra-investimento, dando continuidade à repressão. Entretanto, o autor explica que “tudo o que circunda e está associado à ideia substituta é investido de particular intensidade, de modo a poder

³⁴ Freud, S. A repressão, p. 85-86.

³⁵ Garcia-Roza, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 178.

³⁶ Freud, S. O inconsciente, p. 116.

³⁷ Freud, S. O inconsciente, p. 116.

³⁸ Freud, S. O inconsciente, p. 122.

demonstrar uma grande sensibilidade à excitação”³⁹. Consequentemente, qualquer excitação proveniente do exterior poderia ocasionar uma pequena descarga de angústia frente a ideia substituta, levando a uma nova fuga diante do desprazer por ela gerado e da ameaça de uma descarga subsequente. Nesse caso, surgem novos contra-investimentos que agem no sentido de isolar a ideia substitutiva, afastando-a de novas excitações⁴⁰. Porém, essas ações só atingem as excitações externas relativas à ideia substituta, mas jamais chegam a atingir o impulso instintual que “alcança a ideia substituta a partir da ligação com a ideia reprimida”⁴¹. Nesse sentido, o instinto se mantém operante, deslocando o afeto e promovendo sua descarga através da formação substitutiva ou dos sintomas.

Já a ideia primordialmente reprimida, uma vez longe da influência da consciência, se encontra livre para se desenvolver no inconsciente. O reprimido mantém-se ativo, produzindo derivados de si mesmo na tentativa de alcançar satisfação e expressão na consciência⁴². Seus derivados acabam por se distanciar daquele que seria o representante primordial, seja assumindo deformações ou pelo número de conexões estabelecidas por eles⁴³. Esse distanciamento o torna capaz de vir à consciência, porém, antes que possa emergir de fato, passa por uma espécie de exame, interposto entre o inconsciente e o pré-consciente. Freud assinala que “se no exame ele é rejeitado pela censura [...] então ele é reprimido e tem de permanecer inconsciente. Saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema *Cs*”⁴⁴.

É a esse segundo ato da repressão, o qual recai sobre os derivados do reprimido, que Freud (2010) dá o nome de repressão propriamente dita ou “pós repressão”, apontando que esta incide não somente sobre os derivados da representação reprimida

³⁹ Freud, S. O inconsciente, p. 123.

⁴⁰ Freud, S. O inconsciente, p. 123

⁴¹ Freud, S. O inconsciente, p. 123

⁴² Freud, S. A repressão, p. 87.

⁴³ Freud, S. A repressão, p. 88.

⁴⁴ Freud, S. O inconsciente, p. 109-110.

como também sobre as cadeias de pensamento associadas a ela, certificando que a relação com o originalmente reprimido os levarão a sucumbir ao mesmo destino⁴⁵.

Freud, ao apresentar esses dois momentos do recalque, pretendia expor a trama originária do inconsciente, elegendo, segundo Garcia-Roza, o recalque primordial como responsável pela clivagem do psiquismo em sistemas diferenciados e o recalque propriamente dito como operação que se exerceria a partir dessa clivagem, a constituindo definitivamente⁴⁶. O primeiro serve de referência ao seguinte, que surge para reafirmar sua ação, ambos agindo sob o mesmo intento: impedir a satisfação do instinto. A origem do inconsciente, portanto, pressupõe um ato primordial de repressão e seus atos subsequentes, que garantem sua existência e continuidade. Ou seja, em termos genealógicos, a repressão seria a origem, ou a proveniência, à qual devem ser remetidas as formações que dela se sucedem, os deslocamentos que fazer emergir o ato primordial.

Com a formação do aparelho psíquico por intermédio da repressão, o que do inconsciente consegue transpor a barreira do recalque e atingir a consciência, Freud chama de retorno do reprimido⁴⁷, uma terceira face da repressão. Nesta cena, o recalcado insiste em revelar-se, ratificando sua presença através dos seus derivados, podendo assumir a forma de sintoma, ato falho, sonho, chiste, dentre outras produções do inconsciente. A psicanálise, portanto, parte dos derivados, daquilo que chega à consciência de modo incompreensível ou absurdo, mas que, juntamente, traz consigo a marca de um retorno, anunciando algo que a consciência se negaria a admitir, mas admite. Sua admissão acontece por meio de desvios, dos deslocamentos que os derivados adotam a fim de afastar-se do primordialmente reprimido. É através de deformações que os derivados garantem a perda de seu caráter ameaçador, conseguindo

⁴⁵ Freud, S. A repressão, p. 86.

⁴⁶ Garcia-Roza, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 195.

⁴⁷ Freud, S. A repressão, p. 94.

driblar a censura e chegar à consciência, ou seja, “o retorno do recaiado faz de forma deformada, distorcida, e não como um retorno do ‘mesmo’, do idêntico”⁴⁸.

O que se percebe no exame da repressão e da consequente constituição do inconsciente é o conflito constante entre forças opostas, que pode ser facilmente remetido à noção de emergência exposta por Foucault. Para o filósofo francês, a emergência carrega em si a ideia de conflito entre forças contrárias, situando o que emerge na distância entre elas, no vazio que as separa e que não permite que ocupem o mesmo espaço⁴⁹. Partindo dessa perspectiva, o inconsciente surge do embate entre o desejo instintual, que exige satisfação, e forças que, por se sentirem ameaçadas, buscam barrá-la.

O recaiado, nesse sentido, “se produz no interstício.”⁵⁰, como efeito de um contrato entre sistemas antagônicos, todavia, o acordo não carrega a intenção de pôr um fim a esse embate, uma vez que é por meio dele que o recaiado surge e os seus deslocamentos acontecem, garantindo as manifestações do inconsciente. Cada derivado requer uma nova ação repressora, sendo o recalque o agente responsável pela manutenção do sistema inconsciente⁵¹. Como dito anteriormente, a ação do recalque colabora para a produção de novos derivados, expandindo o inconsciente e o tornando mais rico e mais plástico. Cada deslocamento confirma a existência de um inconsciente vivo e atuante, no dizer de Freud, dinâmico, reencenando as disputas entre os sistemas psíquicos, a saber, o *Ics*, o *Pré-Cs* e *Cs*, para ficar apenas no esquema da primeira tópica freudiana.

A genealogia não admite que as “coisas” obedeçam à uma única direção ou mecanismo, considerando que os acasos podem levá-las aos mais diferentes destinos⁵². Nessa perspectiva, Freud assinala o caráter individual do processo de repressão, destacando a possibilidade de haver um destino particular a cada um dos seus derivados,

⁴⁸ Garcia-Roza, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 205.

⁴⁹ Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 23-24.

⁵⁰ Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 24.

⁵¹ Garcia-Roza, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 197.

⁵² Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 20-21.

de modo que não é possível supor uma via única de manifestação, os deslocamentos são diversos e o conflito infundável⁵³. Nesse sentido, o psicanalista expõe que a prática analítica, através de sua técnica de associação livre, incita o paciente a produzir derivados. O trabalho do analista consiste em reconstituir, com base nos conteúdos que emergem, “uma tradução consciente da representante reprimida”⁵⁴. Desta maneira, pode-se afirmar que em psicanálise trabalha-se, essencialmente, com as produções do inconsciente.

Conforme a metodologia proposta, origem e deslocamento parecem tecer a trama a qual coloca em jogo a repressão e, por deslocamentos, as formações oriundas da pressão que o inconsciente exerce em defesa da satisfação renunciada. Eis, por conseguinte, o sentido de começar o presente exame com o ensaio metapsicológico e somente depois analisar as formações do inconsciente. A genealogia, tal como sugerida por Foucault a partir da leitura da *Genealogia da moral*, de Nietzsche, permitiu inverter o curso de investigação do inconsciente freudiano. Se o inconsciente possui origem na repressão, a princípio, ele foi “descoberto” pela observação de fenômenos anódinos, os quais revelavam ao psicanalista a suspeita de uma instância psíquica alheia à consciência, mas com esta em constante relação. É aqui que entra a análise dos sonhos, que permitirá investigar como, nesta formação do inconsciente, atuam tanto a repressão quanto os deslocamentos, dos quais uma multiplicidade de formas pode emergir.

O exame da vida onírica conduziu Freud à conclusão de que os sonhos são produto do inconsciente e, assim, elege sua interpretação como via régia para o conhecimento dessa instância psíquica. Ele caracteriza o sonho como um compromisso entre os dois sistemas⁵⁵ e explica que existem duas saídas para cada processo inconsciente de excitação. O sistema inconsciente funciona mediante o processo primário, nele a excitação se encontrar livre, buscando a via mais direta possível de descarga. O processo secundário corresponde ao sistema pré-consciente/consciente, que

⁵³ Freud, S. A repressão, p. 89.

⁵⁴ Freud, S. A repressão, p.88.

⁵⁵ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 607.

opera submetendo a excitação à sua influência⁵⁶. Desse modo, ao ligar a excitação ao pré-consciente, a descarga seria controlada ou retardada⁵⁷.

Essa ligação ocorre no processo onírico. No sonho, a excitação do pré-consciente vai de encontro à excitação inconsciente, tornando sua expressão inofensiva, não permitindo que o seu conteúdo chegue a perturbar o estado de sono. Portanto, a função do sonho seria assumir a tarefa de colocar a excitação inconsciente sob o domínio do pré-consciente. O sonho, nesse sentido, serve de válvula de escape, promovendo a descarga de excitação do inconsciente ao mesmo tempo em que protege o sono⁵⁸, meta do pré-consciente.

Freud defende que o âmago da psique é constituído por moções de desejos inconscientes, inapreensíveis e não passíveis de inibição por parte do pré-consciente, o qual se torna apenas responsável por apontar os caminhos mais adequados para essas moções de desejo⁵⁹. Partindo desse entendimento, o psicanalista argumenta que o sonho se configura como uma realização de desejo⁶⁰. Tese duramente questionada, dado que se alegava a existência de sonhos que em nada se parecem com a satisfação de um desejo. O autor, no entanto, explica que sua teoria não se apoia no conteúdo manifesto do sonho, ou seja, na parte do sonho que recordamos e relatamos, mas em seu conteúdo latente, os pensamentos inconscientes que se encontram ocultos⁶¹. Ele sustenta sua tese partindo do argumento de que o sonho passa por uma espécie de distorção que opera sobre seu conteúdo de tal maneira que o torna distante do desejo que lhe fundamenta, se apresentando confuso ou incompreensível⁶².

Em meio às moções de desejo reprimidas no inconsciente, Freud sublinha àquelas de natureza sexual, afirmando que quanto mais se ocupa da análise dos sonhos, avançando em direção aos pensamentos oníricos latentes que lhe dão sustentação, mais

⁵⁶ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 606-607.

⁵⁷ Garcia-Roza, L. *Freud e o inconsciente*, p. 57.

⁵⁸ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 607.

⁵⁹ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 631.

⁶⁰ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 143.

⁶¹ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 156.

⁶² Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 163.

se reconhece que “a maioria dos sonhos das pessoas adultas trata de material sexual e expressa desejos eróticos”⁶³, que se apresentam até mesmo nos sonhos “ingênuos”, assumindo as mais distintas formas, não havendo um “grupo de representações que se recuse à figurar fatos e desejos sexuais”⁶⁴. O que demonstra que o recalçado sofre deslocamentos, chegando a ser figurado por quaisquer outras representações, que sejam capazes de encobrir sua natureza e satisfazer sua meta.

Freud reforça a ideia de polarização do psiquismo ao expor que existe “duas forças psíquicas no indivíduo, das quais uma delas dá forma ao desejo expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico, obrigando por meio dessa censura a uma distorção de sua expressão”⁶⁵. O sonho é definido como uma: “realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalçado)”⁶⁶. O que põe outra vez em cena o conflito entre instâncias, sugerindo que a elaboração onírica também é produto de metas contrárias e de uma nova ação do recalque. O sonho traz consigo a marca de um desejo recalçado, que retorna na vida onírica de maneira disfarçada, sua aparência absurda denuncia os desvios que constituem o trabalho do sonho.

Diante desse fato, se buscou investigar a relação entre o conteúdo manifesto e os pensamentos latentes, a fim de estabelecer os processos que estão implicados no trabalho do sonho. Dentre os mecanismos que constituem a elaboração onírica está a *condensação*. Esse mecanismo, de acordo com Freud, é capaz de reunir o investimento de diversos representantes ideativos num único representante. A condensação ocorre pela via da omissão⁶⁷, posto que o sonho nunca traduz a totalidade dos pensamentos oníricos que embasam o seu conteúdo manifesto. O sonho, quando submetido pelo trabalho de condensação, se revela “curto, pobre e lacônico se comparado à extensão e à riqueza dos pensamentos oníricos”⁶⁸.

⁶³ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 421.

⁶⁴ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 396.

⁶⁵ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 165.

⁶⁶ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 182.

⁶⁷ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 303.

⁶⁸ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 301.

Outro mecanismo fundamental do trabalho do sonho é o *deslocamento*. Este opera por duas vias: primeiro, através da substituição de um elemento latente por outro por outro mais remoto que funcione como uma alusão ao primeiro elemento; a segunda via consiste na mudança de acento de um elemento importante por outro de valência inferior, uma forma de descentralização da importância⁶⁹. Nesse sentido, os elementos que possuem maior intensidade e valor, podem não ser considerados dessa maneira no conteúdo manifesto, uma vez que o lugar de notoriedade pode vir a ser ocupado por outros elementos que não possuem a mesma valência. O que ocorre é um deslocamento das intensidades psíquicas entre os elementos presentes na elaboração onírica, gerando, assim, a diferença entre o conteúdo manifesto e os pensamentos oníricos latentes. Freud declara que “o deslocamento onírico e a condensação onírica são os dois mestres de obra a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a configuração do sonho”⁷⁰.

O desejo inconsciente, banido da vida de vigília, encontra nesses mecanismos e no estado de sono, uma via de expressão. Tudo que aparece na trama dos sonhos é uma reencenação de conteúdos inconscientes, os quais permanecem retornando, mas nunca do mesmo modo. Na repetição o recalcado vai se rerepresentando de maneiras diversas, pois está sempre à espreita, pronto para obter satisfação. Logo, ao encontrar uma moção consciente que lhe seja contígua, alia-se a ela no intento de atingir sua meta por deslocamento, assume novas formas e disfarça a satisfação, mantendo a aparência de que fora um desejo consciente que se realizou⁷¹.

Freud relata um sonho em que uma de suas pacientes o aborda questionando se o sonho que tivera seria de fato uma realização de desejo, tendo em vista que o seu conteúdo retratava a morte de um ente querido, que não era um desejo que a paciente reconhecia em si mesma. Ela se remete ao analista nas seguintes palavras:

O senhor recorda que agora minha irmã tem só um filho, o Karl; Ela perdeu o mais velho, Otto, quando eu ainda morava na sua casa. Otto era meu preferido. E, no fundo, fui eu que o criei. Também gosto do menor, mas nem de longe tanto quanto

⁶⁹ Garcia-Roza, L. *Freud e o inconsciente*, p. 67-68.

⁷⁰ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 331.

⁷¹ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 622.

gostava do falecido. Pois bem, noite passada sonhei que via o Karl morto diante de mim. Ele estava deitado em seu pequeno caixão, as mãos postas, velas em torno, em resumo, exatamente da mesma maneira que o pequeno Otto, cuja morte tanto me abalou. Agora me diga o senhor, o que significa isso? O senhor me conhece; será que sou uma pessoa tão má a ponto de desejar que minha irmã perca único filho que ainda tem? Ou sonho significa que eu preferia a morte de Karl a de Otto, de quem eu gostava muito mais?⁷².

Freud, imediatamente, nega sua suposição e apresenta uma interpretação para o seu relato, trazendo algumas informações sobre a paciente que são necessárias para a compreensão do leitor. Expõe que a paciente era órfã e cresceu junto da irmã mais velha, convivendo com as pessoas que frequentava sua casa. Dentre os amigos da irmã, conhece um homem e por ele se apaixona. A relação tendia a se tornar um casamento, mas sua irmã a interdita, provocando o rompimento entre os dois. Após o ocorrido, o amado evitou frequentar a sua casa e o seu orgulho a impedia de procurá-lo. Mesmo com a distância, a paciente não superou a perda, mantendo-se dependente dele, incapaz de investir ou transferir o seu amor para outros rapazes⁷³.

Freud interpreta o sonho da seguinte maneira. Sua paciente não deseja que o outro sobrinho morra de fato, mas desejava reviver um instante em que ela esteve próxima o amado, uma vez que ele estava presente no velório do seu sobrinho Otto. O sonho revela o desejo de revê-lo⁷⁴, que é rejeitado pela paciente, que se realiza por meio de um deslocamento, quando traz à tona a cena do velório, cenário de angústia que viria a ocultar o desejo inconsciente. A elaboração onírica vem reencena-la, não de maneira idêntica, tal qual se encontra o recalcado, mas através de desvios. A cena está lá, contudo, figurada de modo a não aparentar ser uma realização de desejo. O cenário de angústia serve de alusão ao desejo inconsciente. Além disso, Freud aponta para o fato da paciente planejar assistir uma palestra do amado, o que indica que o desejo inconsciente se ligou a esse plano consciente, dando ao sonho um caráter de antecipação, tratando-se de um sonho de “impaciência”, segundo Freud. O desejo inconsciente urge por

⁷² Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 173-174.

⁷³ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 174.

⁷⁴ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 175.

satisfação, sendo capaz de realizar qualquer acordo para alcançar esse fim. Àqueles que se interessam em alcançar sua compreensão, basta estar atento às suas manifestações, buscando apreender os desvios que levam até ele.

Nossa reflexão se inicia com o fim de efetuar uma genealogia do conceito de inconsciente no sentido de “reencontrar sob o aspecto único de um caráter ou de um conceito a proliferação dos acontecimentos através dos quais [...] eles se formaram”⁷⁵, como exposto por Foucault. Nesse sentido, buscou-se reencontrar nos textos da metapsicologia freudiana e em sua obra inaugural os desvios que deram origem ao inconsciente e possibilitaram sua continuidade, que se realiza a cada novo deslocamento e ação repressiva. Nossos objetivos, portanto, pretendiam discutir as diferentes facetas do processo de recalçamento, a fim de remontar a origem do inconsciente e demonstrar sua continuidade por intermédio dos deslocamentos, os rastros do recalçado que sobrevém a consciência. Detendo-se, igualmente, à análise do deslocamento como elemento constituidor das formações do inconsciente, quando explora a elaboração onírica como uma das modalidades de retorno do recalçado, que propicia os devidos meios para sua satisfação na vida onírica.

Diante disso, podemos considerar o recalque como grande agente do inconsciente, como força que parte “da personalidade consciente (do Eu) do paciente, invocando motivos éticos e estéticos”⁷⁶, por conseguinte, impossibilita a satisfação de determinados impulsos instintuais, em especial, os de caráter sexual. Freud atribui um papel essencial aos desejos sexuais na vida psíquica, reconhecendo sua importância na etiologia das neuroses e sua presença nas formações oníricas. Revela ainda que “nenhum outro impulso [*Trieb*] precisou experimentar desde a infância tanta repressão quanto o impulso sexual [*Sexualtrieb*] em seus inúmeros componentes”⁷⁷. No entanto, a repressão não extingue o desejo, como já posto anteriormente, mas o leva a outros

⁷⁵ Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história, p. 20-21.

⁷⁶ Freud, S. Resumo da Psicanálise, p. 231.

⁷⁷ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 422.

caminhos a fim de satisfazê-lo, podendo, inclusive, adquirir a forma de sintomas que surgem como a atividade sexual do neurótico⁷⁸.

Nesse sentido, a sexualidade parece figurar o principal alvo do recalque, contudo, é preciso considerar que a sexualidade da qual Freud se refere é aquela vivida no século XIX, na era vitoriana. Foucault nos revela que esse período é marcado por uma forte repressão à sexualidade, que surge como tentativa de silenciá-la, mas envereda-se numa multiplicação dos discursos em torno dela⁷⁹. A sexualidade que temos hoje não é a mesma, sofreu e sofre deslocamentos com a passagem do tempo e com os fatos que o acompanham. Podemos supor que atualmente haja uma maior liberdade para abordar e vivenciar a sexualidade, todavia, isso não significa que ela tenha deixado de ser objeto de repressão, tanto no sentido social quanto no sentido psíquico, considerando que o primeiro exerce influência sobre o segundo.

Sabendo que o inconsciente atravessa as decisões e ações conscientes dos indivíduos, uma vez que Freud o considera como o psíquico propriamente dito, dado que ele abarca em si a consciência⁸⁰, parece plausível, ao final da discussão, tecer considerações acerca da violência sexual perpetrada contra os corpos LGBT's (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Indagar, portanto, por quê sujeitos que vivem uma sexualidade e/ou uma identidade de gênero diferente daquela socialmente aceita e valorizada viriam a ser objeto de vilipêndio. Trata-se de, pelo menos, tentar indagar, se seriam esses atos motivados por moções de desejo inconscientes, deslocamentos que acham satisfação no ataque a um corpo outro. Se há um fator de contribuição inconsciente à essa lógica aniquiladora, é necessário incluir nessa trama outros elementos, fatores de ordem social, cultural e política, os quais poderiam ser pensados sob a lógica dos desdobramentos da renúncia pulsional inaugural do inconsciente.

⁷⁸ Garcia-Roza, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 32.

⁷⁹ Foucault, M. *Nós, vitorianos*, p. 18.

⁸⁰ Freud, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 642.

O alcance que Freud concede ao conceito de inconsciente possibilita supor outros possível deslocamentos, permitindo extrapolar os muros do *setting* analítico e aplicá-lo a contextos mais vastos. “A psicanálise busca, a partir dos seus próprios fundamentos, analisar a época na qual está inserida e a partir daí se responsabilizar por seu lugar”⁸¹, orienta Brousse. Portanto, percebe-se a necessidade da pesquisa em psicanálise, considerando tanto as novas formas de adoecimento psíquico quanto as novas configurações sociais, que respondem aos imperativos do nosso tempo. Ao que parece, introduzir a genealogia na investigação do inconsciente torna mais significativo o trânsito das tramas psíquicas para os tão significativos quanto embates políticos e sociais.

BIBLIOGRAFIA

BROUSSE, Marie-Hélène. O inconsciente é a política. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003.

FFYTCHÉ, Matt. *As origens do inconsciente: de Schelling a Freud: o nascimento da psique moderna*. Tradução Claudia Gerpe Duarte e Eduardo Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2014.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. Nós, vitorianos. In: FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 5 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREUD, Sigmund. “A repressão”, In: FREUD, S. *Obras completas*, Vol. 12. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 83-98.

FREUD, Sigmund. “O Inconsciente”, In: FREUD, S. *Obras completas*, Vol. 12. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 99-150.

⁸¹ Brousse, M. O inconsciente é a política, p. 15.

FREUD, Sigmund. “O Eu e o Id”, In. FREUD, S. Obras completas, Vol. 16. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 14-74.

FREUD, Sigmund. “Resumo da Psicanálise”, In. FREUD, S. Obras completas, Vol. 16. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 222-251.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre-RS: L&PM, 2017. p. 15-648.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PEREZ, Daniel Omar. *O inconsciente: onde mora o desejo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.